

## O MINHO NA LITERATURA DE LÍNGUA GALEGO-PORTUGUESA

Por SALVATO TRIGO

O Minho, com suas terras e com suas gentes, reservou, desde muito cedo, lugar na literatura que se exprime neste idioma, que nos moldou o carácter e predispôs a alma de “cavaleiros andantes” em busca do mundo. Idioma, que nos uniu na Galécia, sem nos apagar totalmente os rastros celtas que nos imprimiram o acrisolado amor ao torrão natal de que a saudade é a expressão eloquente. Idioma, conquistador da própria deusa Vénus que nele reconhecia, “com pouca corrupção”, a sua amada língua latina. Idiona, enfim, que apesar de alguns ventos contrários, nos fez reencontrar a nós, galegos e portugueses, nos caminhos da História que nos gerou.

Antes mesmo da formação do romance que forjou esse idioma da Galécia, já esta região, que hoje designamos por galaico-minhota, atraía a atenção dos poetas. A testemunhá-lo, baste-nos a referência, feita por Frei Luís de Sousa, esse notável prosador setecentista muito ligado ao Minho, ao poeta godo, Festo Rufo Avieno, que, na sua língua, registou as belezas galaico-minhotas, de Viana a Tui, sobranceiramente protegidas pela serra de Arga:

“Viana salo, qua glauca recumbit/Hesperioe Oceano;  
Tyde hinc, atque Argua Calpe/Hinc Hispanus ager,  
tellus hinc dives Iberum...”<sup>1</sup>

Vem, pois, de muito longe o irresistível chamamento do Minho às musas. Não nos interessa, porém, situar este texto, em época anterior à da formação da literatura galego-portuguesa, no tempo em que predominava o mito dos Campos Elíseos, que um escritor nosso do séc. XVII sintetizou numa forma lapidar: “Si hubo Campos Elíseos eran estos y se no los hubo, seran estos”.<sup>2</sup> Fiquemo-nos,

---

\*Professor Catedrático Universidade do Porto. Reitor da Universidade Fernando Pessoa

<sup>1</sup> Cf. TRIGUEIROS, Luís Forjaz - O Minho, Lisboa, Livraria Bertrand, 1967, p. 21.

<sup>2</sup> Cf. TRIGUEIROS, Luís Forjaz - Campos Elíseos, Lisboa, Guimarães Editores, 1974, p. 16.

desses tempos, com a ideia de que a paisagem física destas nossas terras inspirou, com a sua incomparável beleza, poetas e escritores que a mitografaram para a posteridade.

A nossa paisagem permitiu, de facto, a pintura verbal de páginas de indesmentível qualidade plástica, desde os primórdios da nossa lírica trovadoresca até à actualidade, apesar de, no nosso tempo, a poética não ser tão sensível, como o foi outrora, à visualização, à sensorialidade. Com efeito, diminui, na escrita literária, contemporânea o sentido da comunhão do homem com a natureza, criando-se, sem razão, um sentimento algo rejeitivo do lirismo e do romantismo que identificavam a paisagem interior, os estados de alma, com as paisagens exteriores. Alguns poetas e escritores da nossa terra resistiram, porém, a essa tendência para a recusa do impressionismo, perseguindo ainda, nos seus textos, a preocupação estética, a busca do belo inefável, cientes de que a poesia deve ter sabor e provocar ressonância, como se dizia nos velhos tratados de poética oriental. De alguns desses poetas e escritores dar-se-à aqui notícia, não para lhes revelar a face exótica, porque o exotismo dos seus textos só o é aparentemente. Na realidade, os quadros e as aguarelas, que construíram verbalmente, não estão desligados da intenção de caracterizar as paisagens humanas que procuram perscrutar.

Recuemos, pois, no tempo até à época em que galegos e portugueses formávamos uma só nação, embora pertencêssemos já a países diferentes. Façamo-lo para recordar trovadores como Aires Nunes, Martin Soares (considerando o “mais remoto avoengo dos cantores do Lima”<sup>3</sup>), Vasco Rodrigues, de Calvelo, e Fernão Rodrigues, de calheiros, todos cantores primevos deste Minho que nos une e que nos divide. Esses trovadores são, de facto, o testemunho da nossa unidade cultural e espiritual que, na sua singeleza, a cantiga d’Amigo tão bem soube traduzir. Representantes duma florescente escola literária, como foi a galego-portuguesa, eles renunciaram outros que, na sua esteira, cantariam também a terra nai e suas gentes, como Diogo Bernardes, Frei Agostinho da Cruz, Sá de Miranda, António Feijó, Eduardo Pondal, Curros Enríques, Añon, Rosalía, etc. Outros que regressaram à mitologia da velha Galécia, não para se extasiarem saudosisticamente, mas para beber nela forças criativas da tradição comum, que se quis aniquilar. Tradição que, hoje, felizmente

---

<sup>3</sup> FERREIRA, António - Elogio Regionalista de António Feijó, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1928, p. 53/54.

se vê retornar, sem, todavia, pretender escamotear as diferenças que entre nós existem e que é forçoso respeitar. Ouçamos, a este propósito, o escritor galego, D. Ramon Otero Pedrayo:

“Portugal e Galiza, unidade ocidental atlântica, prematura flor da Europa, oferecida ao mundo do Ocidente, só têm por fronteiras o sonho e o desejo imortal traduzido na geografia do espírito pelo Lethes, o rio das vagarosas margens... A fronteira histórica é uma cicatriz. Tocar-lhe faz doer. Por isso falaremos dela com dor e piedade. Como é um facto histórico, temos de aceitá-la, provisoriamente resignados, e dedicar-lhe uma lembrança objectiva e passageira. Encontraremos, por vezes, uma passividade triste, a da paisagem cortada e mutilada por grades e portadas; outras vezes pressente-se a poderosa realidade incompreensível das imposições oficiais e então tentaremos esquecer a tristeza dos regulamentos da fronteira. Isto, por vezes, faz rir por fora, enquanto por dentro sorvemos as lágrimas.”<sup>4</sup>

É, de facto, verdade que a fronteira histórica, como reconhece Otero Pedrayo, é uma cicatriz que só conseguiremos olvidar cultuando a língua e a cultura por que fomos, e somos, moldados. Temos, para tanto, que assumir, de novo, aquela atitude de renascença que fez emergir a galeguidade moderna no século passado, e que ecoou entre nós com a geração da Águia. Temos de retomar as veredas dos poetas e escritores da geração da revista Nós que, segundo Santana Dionísio, foi uma “verídica lareira à roda da qual, por amor da terra cantada por Rosalía de Castro, se fizeram tantos serões de trabalho e de sonho.”<sup>5</sup> Temos, enfim, de revivificar o exemplo de Castela, esse incomparável autor de Sempre en Galiza, e de Teixeira de Pascoais, poeta quase asceta que, nas vertentes e ravinas do Marão, procurava a arte de ser português. Se o fizermos, cumprir-se-á a profecia da última estrofe do poema “A Fala”, de Pondal.

“Serás épica tuba  
E forte sin rival  
Que chamarás os fillos  
Que alá do Miño están,  
Os bôs fillos do Luso,  
Apartados irmans  
De nós por un destino  
Envejoso e fatal.

---

<sup>4</sup> SANTANA DIONÍSIO - Velho Minho, Porto, Lello & Irmão, 1978, p. 311.

Côs robustos acentos  
Grandes os chamarás  
Verbo do grand Camoens,  
Fala de Breogan!”<sup>6</sup>

Este apelo do “regresso às origens” presente-se, com efeito, no chão que pisamos e que guarda a memória da nossa tradição comum; presente-se nas águas cheias de morriña com que o Minho e o Lima, vindos das alturas galegas, dessedentam esse mar português que levou a nossa língua para a rosa-dos-ventos do mundo e que Camões sublimemente cantou.

Mas, se Camões e Pessoa cantaram o mar português, que foi também o mar galego, rasgando as brumas do desconhecido e do exotismo africano, oriental ou ameríndio, houve quem tenha preferido alhear-se da dimensão da distância ignota para cantar a sua terra e a sua água, neste caso, o seu Minho. Aí temos Diogo Bernardes (1520-1605) a dedilhar sua lira por minhotos:

“Verdes, e baixos vales, alta serra,  
Duras, e solitárias penedias,  
Correntes águas, frescas fontes frias,  
Testemunhas do mal que em mim s’encerra:  
De suspiros o ar, de pranto a terra  
Encho: vós o sabeis selvas sombrias  
Onde chorando vou noites, e dias  
Saudades d’Amor, d’ausência guerra.  
Se o vosso natural só de si move  
A triste sentimento os mais contentes,  
Que sentirão os tristes de vontade?  
Ah não vos espanteis; que em vós renove  
Saudades passadas, e presentes,  
Pois tudo, o qu’em vós há, é saudade.”<sup>7</sup>

À voz deste inimitável cantor do Lima, juntar-se-ia a do seu irmão, Frei Agostinho da Cruz, que, nas paragens alcantiladas da Serra de Arrábida, recorda saudoso o seu berço minhoto:

---

<sup>5</sup> Ibid., p. 261.

<sup>6</sup> Cf. ROCHA, Hugo - *Sete Vozes Perenes da Galiza Lírica*, Porto, Athena, 1965, p. 61.

<sup>7</sup> Cf. TRIGUEIROS, Luís Forjaz - *O Minho*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1967, p. 10.

“Junto das bravas águas Oceanas  
Choro quanto cantei na mocidade  
Ao som daquelas mansas limianas;

Daquelas que já foram noutra idade  
Com nome de Letheas celebradas  
Por lhes faltar do curso a liberdade.”<sup>8</sup>

O rio Lima foi, sem dúvida, o primeiro grande motivo poético da literatura d’aquém Minho ou nesta região inspirada. Bernardes devotou-se-lhe quase inteiramente; Agostinho da Cruz não deixou de invocá-lo a propósito; António Feijó fecharia o triângulo, em cujas bissectrizes aparecem ainda Manuel Gomes de Lima Bezerra (1727-1806), Sebastião Pereira da Cunha (1850-1896) e António Ferreira (1885-?), para só citarmos os nomes mais conhecidos.

Lima Bezerra, em “Os Estrangeiros do Lima”, procurou elevar a beleza do vale limiano à dimensão celestial:

“Jaz entre Douro e Minho uma comarca,  
Que do Porto a Pontevedra de comprido  
Léguas de Espanha dez e oito abarca  
nas linhas do Geógrafo mais lido:  
E dezasseis no largo se demarca,  
Breve espaço de terra no medido,  
mas no muito, que lá, no bom, que encerra,  
Parece a terra Céu, ou Céu a terra.”<sup>9</sup>

Sebastião Pereira da Cunha, em “Serões de Portuzelo”, é muito mais emotivo na descrição, que faz, das terras líricas do Minho:

“Solo d’enlevos! A videira abraça  
Com terna graça o castanheiro em flor!  
Abre-me o seio em que um vergel se apinha,  
Ó pátria minha d’encantado amor!

.....

Amo os teus campos com perfumes vários,  
Verdes sacrários de um constante abril;  
Amo os teus montes colossais n’altura  
E a luz, tão pura, do céu d’anil.”<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Ibid., p. 18.

<sup>9</sup> Ibid., p. 32.

<sup>10</sup> Ibid., p. 79.

António Ferreira, nas suas “Limianas”, tenta haurir das águas do rio a narrativa da viagem que ele faz de Ginzo de Lima até Viana:

“Ó Lima, encantadora água nativa,  
O teu doce rumar nunca me engana,  
Eu ouço agora a linda narrativa  
Que fazes deste Orense até Viana!”<sup>11</sup>

E António Feijó? Ah! esse é “medularmente um poeta limiano com atavismo calaico”<sup>12</sup> que lhe inspira toda a melancolia, a *morriña*, que, por vezes, se desprende de muito dos seus textos escritos na monotonia nórdica da Suécia. Descendente de um Feijó galego por linha matrilinear, que o ligava também a Diogo Bernardes, o nosso António Feijó parece ter herdado dessa sua ascendência galaica a ternura melancólica, cujas raízes são, seguramente, celtas. ternura, que perpassa quase todos os seus livros dos quais me permito destacar a Ilha dos Amores. É aqui que Feijó confessa com mais evidência a umbilicidade da sua poesia à terra natal:

“Nasci à beira do Rio Lima,  
Rio saudoso, todo cristal;  
Daí a angústia que me vitima,  
daí deriva todo o meu mal.

É que nas terras que tenho visto  
Por toda a parte por onde andei  
Nunca achei nada mais imprevisto  
terra mais linda nunca encontrei.

São águas claras sempre cantando,  
verdes colinas, alvor de areia,  
Branças ermidas, fontes chorando  
Na tremulina da lua-cheia...”

É manifesta a adesão do poeta à paisagem rural, dela extraíndo, teluricamente, as imagens serenas com que alegoriza a sua saudade. O Vale do Lima, o Minho, em geral, tem em Feijó um cultor das musas digno da continuidade de Bernardes sem, no entanto, ser seu epígono.

---

<sup>11</sup> Ibid, p. 142.

A ruralidade, traço verdadeiramente distintivo da facies física e humana do Minho, d'aquém e d'além, é, com efeito, o universo semiótico da escrita galaico-minhota ou da daqueles que não resistiram à verbalização das impressões colhidas, depois de pisarem o tapete verde deste jardim. A confirmar que assim é temos, por exemplo, o “Cantar galego” de Rosalía de Castro:

“Cando a lumiña aparece  
Y o sol nos mares s'esconde,  
Todo é silêncio nos campos,  
Todo na ribeira dorme.  
Quedan as veigas sin Xente,  
Sin ovelliñas os montes,  
A fonte sin rosas vivas,  
Os árbores sin cantores.  
Medroso é vento que passa  
Os pinos xigantes move,  
Y a voz que levanta triste,  
Outra mais triste responde”.<sup>13</sup>

É evidente a ruralidade deste “cantar galego”, que ecoa em nós, de algum modo, essa melodiosa “Balada de Neve”, do nosso Augusto Gil. Dir-se-á, então, que o que mais interessou poetas e escritores foi a faceta pronunciadamente pagã que o Minho soube manter imune, por muito tempo. Foram as cores dos campos e dos trajos; a frescura sonora das águas dos seus rios e dos seus ribeiros; a comunhão do homem com a natureza com que disfruta o sossego e a paz interior. isto mesmo se encontra, por exemplo, n' A Morgadinha dos Canaviais, de Júlio Dinis, romancista que soube, como poucos, matizar na palavra o deslumbramento causado à sua personagem Henrique pela “mais risonha paisagem”, pelas “esplêndidas galas do Minho”.

Também Camilo se deixou enlevar pela ruralidade minhota, onde compôs as suas Novelas do Minho ou por onde fez passar A Brasileira dos Prazins, amando-a ao ponto de tê-la escolhido para nela abraçar a morte que provocou. “A casa onde vivo rodeiam-na os pinhais gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas...” - escrevia Camilo, situando-nos na sua casa de S. Miguel de Ceide. Por aqui pode verificar-se que a comunhão do homem com a natureza

<sup>12</sup> Cf. FERREIRA, António - Elogio Regionalista de António Feijó, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1928, p. 72.

<sup>13</sup> Cf. MENDES DOS REMÉDIOS - Introdução à Literatura Portuguesa, Coimbra.

atinge tal profundidade que os sentimentos daquele projectam-se nesta que deles se apropria como se dela fossem. Tal comunhão mexe com todos os que, alguma vez, aqui aportaram, venham do bulício citadino ou de paragens monótonas sulinas, como Fialho de Almeida (1857-1911), que, marcado já pela paisagem alentejana, não conseguiu reprimir a exuberância da estupefacção que lhe provocou a paisagem minhota:

“Janela aberta, toda frescura das árvores e das serras me entra no peito com uma lufada de bem-estar... Que nitidez na luz do sol cor de oiro, oh, que cheiro de matas que brisa da serra traz nos vagos véus da névoa que se esgarça! Minha amorosa terra portuguesa como eu vos beijo na boca deste fresco balsâmico de resinas e flores...”<sup>14</sup>

Bem-estar idêntico sentiu outro escritor da cidade, amante do Minho, como o foi Antero de Figueiredo (1867-1953), que, nas suas Recordações e Viagens, anotou: “Respira-se sossego! (...) Um grande bem-estar na alma; e todo o nosso regalo seria passar ali o dia inteiro, sem dizer nada, a olhar, a olhar esta paisagem amiga, pensando em coisas boas...”<sup>15</sup>

Esse sossego, essa paz, não são minimamente perturbados, antes se enriquecem, pelo espectáculo da cor e do som, seja este o duma dança do folclore local, como regista João Verde (1866-1974), nos seus Ares da Raia - “Trás de los montes, cor de morango,/cor de morango vem vindo o sol./Vamos bailar ao sol o fandango/com pandeireta e gaita de fol!”<sup>16</sup>; ou como focalizou Abel Salazar (1889-1946), nas suas recordações do Minho Arcaico - “Os pés têm diabo, viram, reviram e tornam a virar, enquanto as pesadas saias se torcem e contorcem como chamas serpeando: -e toda ela, a moça, é espasmo epiléptico de cintilações e de cor.”<sup>17</sup>; seja o do vozear das águas galgando obstáculos com pressa dum leito, como sugere Sousa Costa (1879-1961), na sua obra No Gerês - A Natureza e o Homem:

“... A paisagem do Gerês! Vinde vê-la, vinde admirá-la comigo. A serra, não sendo a mais alta, é a mais pitoresca do país. A mais abundante de águas, arvoredos, aspectos idílicos e trágicos. Começa lá em baixo, no vale em que o Cávado rugue. Desdobra-se até à Galiza, em duas formidáveis vagas de granito(...)”<sup>18</sup>

<sup>14</sup> TRIGUEIROS, Luís Forjaz - Campos Elíseos, Lisboa, Guimarães Editores, 1974, p. 107.

<sup>15</sup> Cf. TRIGUEIROS, Luís Forjaz - O Minho, Lisboa, Livraria Bertrand, 1967, p. 104.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 95.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 169.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 128.

Mas também houve poetas e escritores que não se deixaram simplesmente enlevar pela paisagem física ou obnubilar pela cor, como os que para trás ficaram citados e como, por exemplo, Carlos Lobo de Oliveira (1895-?) que, na sua Alegre Melancolia, não vai além da postura contemplativa e extática:

“Ó meigo e brando Lima de Bernardes,  
Rio do tempo que em minha alma flui.  
meu pensamento em sonho se dilui  
nas tintas oiro e azul das tuas tardes.”<sup>19</sup>

Desses escritores, que foram além da mera visualização do Minho, para lhe penetrarem também a alma, bastará citar Jaime Cortesão (1884-1960) que, em a Paisagem Minhota projecta o social no estético, obtendo, assim, um quadro mais real da situação:

“A contemplar a idílica paisagem, a dar carácter à estrutura social do Minho, na vida rural a mulher impera. Ela arroteia a terra, ela sacha, cava, rega, lavra e, de aguilhada em punho, guia os carros de bois, de cangas altas e vistosas como altares. Só por si, a lavradeira (dir-se-ia que, no Minho, não há lavradores) dá sentido poético ao grande quadro verde com as graças duma écloga.”<sup>20</sup>

O inventário das situações literárias em que o Minho surge como motivo poético poderia ter ido bem mais longe, mas não tivemos preocupação da exaustividade, apenas a de recordar alguns passos e autores que lhe dedicaram atenção. Sabemos que, na literatura galaica, muitos outros exemplos poderiam ser coligidos. E, porque falei mais do Vale do Lima do que do Vale do Minho, embora o que interessava fosse o Minho no seu todo, termino com o soneto “Diogo Bernardes”, de António Feijó:

“Como Camões -fidalgo e cavaleiro,  
Do moço rei no séquito luzido,  
Saudou da glória um último gemido,  
Da pátria ouvindo o grito derradeiro.

Longe, no escuro e férreo cativoiro,  
Julgava, olhando em sonhos embebido,  
ver todo um luto esse vergel florido  
Onde sentira o seu amor primeiro.

---

<sup>19</sup> Ibid, p. 176.

<sup>20</sup> Ibid, p. 138.

E olhou, e viu naquela escuridade  
A eflorescência estranha da saudade,  
Longe, bem longe, num distante clima...

Julgando-se embalado, à lua-cheia,  
Num tristíssimo canto de sereia  
Entre as nereides a boiar no Lima...”<sup>21</sup>

Feijó evoca aqui o breve cativo de Bernardes, na sequência da batalha de Alcacer-Quibir, e fá-lo prefigurar a pátria moribunda que, no entanto, a determinação e a bravura de quarenta conjurados não deixou de todo fenecer. Fê-lo sentir também uma saudade imensa do seu remansoso Lima e do vergel florido que é este nosso Minho. Fê-lo, enfim, experimentar a nostalgia da pátria. Muitos de nós, alto-minhotos, também sentimos nostalgia da mátria comum que nos gerou. Por isso, quisemos, uma vez mais, percorrer juntos essa estrada de escolhos que há-de conduzir-nos até ela, para, finalmente nos irmanarmos, de novo, no forte sentimento da Terra Nai, a fim de, em conjunto, defendermos e divulgarmos o património linguístico-cultural que recebemos de antanho. Juntaremos, de certo, a nós os outros povos de expressão portuguesa, também eles ligados a esta nossa região por quem o poeta caboverdiano, Jorge Barbosa, se deixou conquistar:

“Sucedede que há lá  
Uma varanda lançada  
Sobre as lonjuras  
das terras do Minho  
Uma varanda onde tudo se esquece  
fadigas e males  
ressentimentos e ardores  
das lutas da Vida.”<sup>22</sup>

Sigamos a exortação onírica de Jorge Barbosa e ganharemos certamente novas forças para acreditar que a lusofonia em construção comunitária também há-de ser galaico-portuguesa..

---

<sup>21</sup> FEIJÓ, António - Líricas e Bucólicas, in “OBRA COMPLETA”, Lisboa, Livraria Bertrand.

<sup>22</sup> Cf. TRIGUEIROS, Luís Forjaz - Campos Elíseos, Lisboa, Guimarães Editores, 1974, p. 71.